

**DESTINOS DA MEMÓRIA**  
**"CORPO ESPACIAL DO CINEMA: UMA CARTOGRAFIA DAS ANTIGAS SALAS DE**  
**CINEMA DE RUA DE SANTA CATARINA"**

Gabriela Carolina Dreyer Rambo<sup>1</sup>, Bhrenda Batista<sup>2</sup>, Luís Eduardo Candeia<sup>3</sup>, Alice de Oliveira Viana<sup>4</sup>,  
Renata Rogowski Pozzo<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo CERES - bolsistaPROIP/UDESC

<sup>4</sup> Professora colaboradora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo do

<sup>5</sup> CERES Orientadora, Departamento de Arquitetura e Urbanismo do CERES - sul.renate@gmail.com

Palavras-chave: Cinema. Memória. Patrimônio.

O presente resumo apresenta os resultados do projeto de pesquisa "Corpo espacial do cinema: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina" no que concerne a parte da investigação que analisa o que estes espaços simbolizam na atualidade, no sentido de identificar possíveis memórias dos mesmos. Entende-se que o valor atribuído às antigas salas de cinema de rua de Santa Catarina não está somente na materialidade destas, nas técnicas construtivas e nos atributos estéticos. Muitos destes espaços possuíram sentido pela vida que ali abrigaram, por sua inserção em um cotidiano e em uma dinâmica social dos centros urbano, o que condicionou estes lugares a uma carga simbólica.

Desta forma, o cinema possibilitou um contexto de experiências para construções individuais e coletivas de um imaginário. Como afirma Pesavento (2008, p.3):

todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário.

No entanto, deve-se ressaltar que “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (ULPIANO, 1992, p.11). Deste modo, o tratamento dado a memória atrelada às antigas salas de cinema de rua reflete como este patrimônio é recebido no presente e como será no futuro.

No Estado de Santa Catarina, poucas são as salas que resistem ao tempo e continuam exercendo a função pela qual nasceram: exibir filmes. Estes espaços, que antes eram um símbolo da modernidade nas cidades, começam a entrar em declínio a partir dos anos 1970, momento em que gradativamente se reduz o número de salas de exibição no país (POZZO, 2016).

Como afirma Pesavento (2005, p.11), “a passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade”. Desta forma, as salas de cinema de rua de Santa Catarina permanecem entre o campo de disputas

presente nas cidades. Disputa econômica, social e ideológica: contextos que condicionam e moldam essas arquiteturas.

De um modo geral, o cenário em catarinense é de uma descaracterização das salas em virtude de suas funções transfiguradas a novas exigências. Há uma predominância de adaptações com a finalidade comercial, além do institucional, como é o caso das igrejas. As que não sofreram este processo foram demolidas e relegadas ao esquecimento, ou em situações excepcionais estão preservadas e protegidas como patrimônio histórico.

Tem-se então uma contradição em relação a esses espaços: é nítida a importância destas salas na vida dos centros urbanos e na construção de uma arquitetura simbólica; e o que se tem hoje é a sobreposição de um silêncio em relação a esse passado, suscitando a criação de lacunas na história urbana das cidades e uma perda de memórias individuais e coletivas. Segundo Ulpiano (1992, p.14), “a memória é [...] filha do presente. Mas, como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto”.

Frente a isso, dar um destino digno a essas memórias significa também preservar o patrimônio edificado atrelado a elas, assim como adequar os usos destas salas para funções que respeitem o espaço construído. Uma opção é reestabelecer o funcionamento da sala como um espaço de exibição de filmes ou programações culturais, como é o caso do Cine Teatro Mussi, de Laguna.

Além disso, é necessário um olhar das esferas municipais, estaduais e federais sobre este patrimônio. O tombamento como patrimônio histórico possibilita uma maior preservação destes espaços. Exemplos disto são evidenciados em Joinville, em que o cinema Cine Palácio foi tombado como patrimônio histórico pelo município, e São Bento do Sul, em que o Cine Brasil foi tombado como patrimônio histórico pelo estado e atualmente funciona como centro cultural, chamado Genésio Tureck.

## **REFERÊNCIAS**

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Cadernos do Lepaarq (UFPEL), Pelotas, v.2, n. 4, pp.9-17, ago/dez 2005.

\_\_\_\_\_. História, memória e centralidade urbana. Rev. Mosaico (PUC-GO), Goiânia, v.1, n.1, pp.3-12, jan./jun., 2008.

ULPIANO, T. Bezerra de Meneses. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista IEB, São Paulo, v.34, pp.9-24, 1992.

POZZO, Renata Rogowski. O cinema na cidade: uma cartografia das antigas salas de cinema de rua de Laguna - SC. Florianópolis: DIOESC, 2016.